

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

VELHO, Gilberto Cardoso Alves . Gilberto Velho IV (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gilberto Velho IV
(depoimento, 2009)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Antonio Firmino da Costa; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir; Maria das Dores Guerreiro;

Levantamento de dados: António Firmino da Costa; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Juliana Athayde Silva de Moraes; Karina Kuschnir; Maria das Dores Guerreiro;

Pesquisa e elaboração do roteiro: António Firmino da Costa; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Juliana Athayde Silva de Moraes; Karina Kuschnir; Maria das Dores Guerreiro;

Técnico de gravação: Arbel Griner; Ítalo Rocha Viana; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 13/08/2009

Duração: 4h 45min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 6;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Antropologia; Antropologia urbana; Assuntos familiares; Carreira acadêmica; Ciências Sociais; Denúncia política; Ditadura; Formação acadêmica; Gilberto Freyre; Governos militares (1964-1985); Identidade; Intelectuais; Intercâmbio científico e tecnológico; Intercâmbio cultural; Museu Nacional; Obras de referência; Pesquisa científica e tecnológica; Portugal; Produção intelectual; Sociologia;

Sumário

1ª Entrevista: 13.08.2009 Raízes portuguesas; a referência do avô português e recordações familiares; Casa grande e senzala como obra de influência; Gilberto Freyre, Eça de Queiroz, Alexandre Herculano, Luis Vaz de Camões e João Cutileiro como ícones portugueses importantes; a primeira visita a Portugal (1978-1979); III Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Lisboa (1994); a aproximação com cientistas sociais portugueses como António Firmino da Costa, Graça Índias Cordeiro e Cristiana Bastos; a contribuição intelectual africana para o Congresso; a IV edição do Congresso, no Rio de Janeiro (1996); o contato com Rosa Perez, Joaquim Pais de Brito e Maria das Dores Guerreiro; o curso de mestrado em Patrimônio e Identidade; a vivência em Lisboa por dois meses; o interesse pela pesquisa sobre o fado, de Joaquim Pais de Brito; trabalhos e pesquisas de referência em Antropologia e Sociologia Urbana; a participação em bancas e júris portuguesa; Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal, coletânea publicada em 1999; a distribuição e circulação do livro em ambos os países; a presença de portugueses como professores visitantes e pesquisadores associados no Brasil; a problemática “Indivíduo e Sociedade”; Brasil, Portugal e as Ciências Sociais; a questão da dimensão da produção, do número e da diversificação da ciência social brasileira – já consolidada mundialmente – frente à portuguesa; o estimulante intercâmbio de pesquisas feito por Renato Lessa, Manuel Villaverde Cabral, Boaventura de Sousa Santos, João de Pina Cabral, Miguel Vale de Almeida, João Leal, Susana Viegas, Clara Mafra, etc; a participação pública ativa; o painel de avaliação dos projetos de pesquisa em Portugal da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal; avaliação acerca da produção antropológica no Brasil: entre o público e o privado; panfletagens de resistência e denúncia à ditadura na cidade do Rio de Janeiro, ao lado de Otávio Velho, Moacir Palmeira, Vladimir Palmeira e outros; o contato com a imprensa e publicações; a publicação de Utopia urbana e Desvio e divergência; artigos publicados e entrevistas; atividade docente na UFRJ – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – e no Museu Nacional – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social; observações acerca do papel do intelectual e o retorno das suas atividades acadêmicas à sociedade; a atuação como orientador e as produções dos pós-graduandos; a experiência advinda de cerca de uma centena de orientações, de teses, de dissertações de mestrado e doutoramento, ao longo de 30 anos; a evolução do perfil do aluno, e os diversos

interesses de pesquisas; o trabalho do intelectual hoje; o caráter democratizante de divulgar questões, apontar problemas e contribuir para o debate público; o balanço da profissionalização de seus orientandos ao longo das três décadas; a expansão e multiplicação das universidades como instituições para produzir doutores em massa; as dificuldades de inserção no mundo acadêmico de hoje em dia; referenciais teóricos e personagens de influência; a importância do destaque às obras de Evans-Pritchard, Leach, William Foote Whyte, Becker, Malinowski e Montaigne; a relevância de Ruth Cardoso e Shelton Davis; a influência paterna; a proeminência da intelectualidade e da biblioteca de seu pai para a sua escolha por ciências sociais; o contato com autores influentes desde cedo; a carreira docente do pai na Academia Militar dos Estados Unidos; o conflito intelectual entre as duas gerações ideologicamente opostas.

Entrevista: 13/08/2009

H.B. – Obrigada, nós temos um prazer imenso em abrir essa entrevista com você por muitas razões, que acho, ficarão claras no decorrer da nossa conversa e sobretudo pela motivação da nossa entrevista, que é exatamente de aproximação e de entendimento da interação entre cientistas sociais em países de língua portuguesa. E nós escolhemos começar por esse tópico exatamente pela importância que você tem no Brasil nesse esforço de aproximação dos cientistas sociais, dos nossos parceiros e colegas de Portugal. E queríamos que você começasse com essa avaliação sua, desde uma trajetória pessoal sua que te levou lá até as ligações e as atividades institucionais. Nós temos uma lista importante das iniciativas conjuntas suas e de participação em bancas e em publicações, mas a gente queria saber a motivação original: como é que começou, como é que você avalia essa sua entrada em sequência.

G.V. – Bem, eu também queria, em primeiro lugar, dizer da minha satisfação de estar aqui com essas pessoas, que me são muito caras. Tenho fortes relações, muito ricas. Então, é um privilégio estar aqui conversando com vocês. A história com Portugal... Na realidade, eu tenho que chegar ao meu avô, que era português. O meu avô português, pai do meu pai, foi um imigrante português que veio para o Brasil mais ou menos durante a Primeira Guerra Mundial, mais ou menos nesse período, e com quem eu não tinha muito contato, mas que era uma referência. E o sobrenome Alves Velho vem desse avô, que era uma pessoa nascida em um lugar chamado Vimioso, perto de Bragança, no norte de Portugal. Bom, então, eu acho que essa é uma motivação, é uma ligação, uma curiosidade. O meu pai nasceu no Brasil, mas foi batizado em Portugal. É interessante isso. A família levou-o para ser batizado em Portugal e, alguns anos depois, ele recebeu a primeira comunhão em Portugal. Depois os meus avós se separaram. O meu avô era português e a minha avó era judia ucraniana – uma combinação interessantíssima. Porque antes de os ucranianos chegarem, mais recentemente, em grande número, já havia uma ligação. Tínhamos algum contato com Portugal porque de vez em quando apareciam uns primos trazendo uns *enchidos*, trazendo algumas coisas que estimulavam o nosso apetite e imaginação. Então, havia algum contato em termos pessoais. O meu pai tinha recordações antigas. Ele tinha ido para Portugal muito pequeno, muito criança, mas lembrava-se sempre do castelo de Bragança, onde brincava. Então, décadas mais tarde, quando eu fui a

Bragança, eu tive a emoção de entrar no castelo de Bragança e me recordar das histórias que o meu pai contava. Então, tem esse lado afetivo, familiar, e um grande interesse pela história e pela literatura portuguesa. Isso será uma constante nos meus comentários. Na minha ligação com diversas áreas do conhecimento, certamente história e literatura estarão entre essas áreas que se destacam. Então, eu tinha uma relação com história e literatura, especificamente um interesse na história e literatura portuguesa. Outro dia, falávamos de Alexandre Herculano; Garrett; Eça, naturalmente; Camões. Isso tudo aparecia no colégio em que estudei, que era um colégio muito bom. Eu já falei sobre esse colégio em outros lugares, o Colégio de Aplicação, que tinha uma formação em literatura e história particularmente interessante. E a história, propriamente... Eu tive bons professores de história e tive... Mais uma vez eu cito o meu pai, que é uma presença muito forte na minha vida e na minha formação e que tinha uma biblioteca, que existe até hoje, muito rica, muito preciosa em termos de história em geral e em ciências humanas – psicologia, antropologia, sociologia. Um dos autores que me despertou mais sistematicamente o interesse por Portugal foi Gilberto Freyre. Isso é fundamental. Tanto *Casa grande e senzala*, sobretudo em *Casa grande e senzala*, mas há uma série de outras obras que se seguem, umas mais polêmicas, outras menos. Mas como grande referência, *Casa grande e senzala* e *Sobrados e Mucambos*. Sobretudo *Casa grande e senzala*. Então, eu tinha uma preocupação em compreender melhor Portugal, lidando o tempo todo, inclusive no território das ciências sociais, com os fortes preconceitos em relação a Portugal e aos portugueses, desde a piada mais inocente, que faz parte do cotidiano – em outros lugares do mundo existe isso, piadas sobre os antigos colonizadores por seus colonizados –, mas coisas mais sérias, de avaliações muito negativas de o que teria sido a colonização portuguesa no Brasil, muito rejeitada por setores importantes da inteligência brasileira, inclusive, até muito recentemente. Então, o Gilberto Freyre, entre outros, mas sobretudo o Gilberto Freyre, dos cientistas sociais brasileiros, foi o que realmente chamou a atenção para a necessidade de reinterpretar, de rever Portugal e a cultura portuguesa. Como eu disse, a literatura. O Eça foi muito importante. Falei em outros, o Herculano, mas o Eça foi muito importante. A leitura de *Os Maias*, de *A ilustre casa de Ramires*, de *O crime do padre Amaro*, sobretudo esses, mas *A cidade e as serras* também, tudo isso me deu uma visão muito simpática e aumentou a minha curiosidade em relação a Portugal. Custei um pouco a chegar lá. Na realidade, a primeira vez que eu fui a Portugal foi por um tortuoso caminho: eu estava na Espanha, em Madri, visitando uma amiga minha diplomata que servia em Madri, e nós resolvemos fazer uma rápida excursão, subindo a

península e entrando pelo norte de Portugal, depois de passar por Santiago de Compostela, onde passamos o réveillon, antes do nosso querido autor ter publicado tantos livros interessantes. Pernoitamos no Hostal de los Reyes Catolicos e chegamos a Portugal por esse caminho. Fomos a Viana, Viana do Castelo, fomos a Guimarães, fomos a Braga, fomos a Bragança, e foi nessa ocasião que eu visitei o castelo, como eu tinha mencionado. Isso foi na passagem de 1978 para 1979. Foi a primeira vez que eu estive em território português. Comecei a apreciar diretamente a gastronomia local e... Enfim, foi uma impressão muito... Era frio. Fazia frio. Estivemos na serra, fomos a Vila Real também, viemos descendo para a Vila Real. Assim foi. Foram alguns poucos dias, mas que aprofundaram a curiosidade: "Eu preciso conhecer esse país, preciso conhecer essa sociedade, preciso ter mais contato com a terra dos meus ancestrais", de parte dos meus ancestrais, pelo menos. E então, aguardei mais alguns anos para que isso se desse. Eu lia bastante sobre Portugal, tanto literatura como história, mas conhecia pouco as ciências sociais portuguesas. Eu conhecia pouco. Na realidade, eu li o livro do Cutileiro, que causou excelente impressão, foi muito bem recebido e é uma referência importante; tive oportunidade de ver alguns documentários, no Museu já, feitos por pesquisadores portugueses antigos – documentários sobre a África, sobretudo. Não muito mais do que isso. Quer dizer, o conhecimento das ciências sociais portuguesas passava mais pela linha história e literatura e menos por antropologia e sociologia, embora houvesse alguma coisa, inclusive as referências bibliográficas do Gilberto Freyre. Aí, chegamos já em 1994.

H.B. – Quase 20 anos depois.

G.V. – Quinze anos já. Quinze ou 16 anos. Quinze anos e pouco. [Aí chegamos ao] Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Lisboa, que foi na Gulbenkian.

C.C. – Foi na Gulbenkian.

G.V. – E nessa ocasião, eu tive a oportunidade de conhecer inclusive o António Firmino um pouco mais. Ele tomou a iniciativa de se aproximar. Eu sempre um pouco solene, talvez.

A.C. – Já o conhecia bem das suas publicações, das suas obras sobre antropologia urbana, nessa área.

G.V. – Então, isso proporcionou o início de um diálogo, o início de um diálogo e, sobretudo, essa percepção de interesses comuns, essa percepção de que tínhamos interesses comuns, tínhamos algumas referências compartilhadas, que havia algum interesse no meu trabalho, e eu...

K.K. – Quem te convidou, Gilberto, para ir ao congresso?

G.V. – O congresso. O congresso propriamente.

A.C. – Não foi um convite específico.

G.V. – Não.

C.C. – Quem foi o grande empresário desse congresso? Empresário no sentido de promover, de...

G.V. – Na realidade, a pessoa portuguesa que teve um papel muito importante, não só para mim, mas para os antropólogos brasileiros, para os antropólogos em geral participarem dessa gloriosa expedição, foi Cristiana Bastos, que aliás estará aqui em breve. Cristiana Bastos, de certa maneira, foi quem agenciou o destacamento brasileiro que foi para esse congresso. O congresso foi muito interessante, conhecemos outras pessoas, mais rapidamente: a Graça...

A.C. – Graça Cordeiro.

G.V. – ...a Graça Índias Cordeiro. Não me recordo se, nessa ocasião, eu encontrei já Joaquim Pais de Brito. Não me recordo. Tenho a impressão que não. Mas, enfim, havia outras pessoas a quem eu fui apresentado, e saímos e conversamos. Estabeleceu-se uma certa sociabilidade e criaram-se algumas expectativas. Já se falou, nessa ocasião, em planos de dar continuidade, de dar sequência, prosseguir. Não que não existissem relações entre a ciência social brasileira e a portuguesa. Existiam. O Jorge Dias tinha contato com o Brasil, décadas antes, com algumas pessoas, com alguns profissionais – o nosso *decaníssimo* Luiz de Castro Faria conhecia o Jorge Dias. Mas esse grupo etário a que eu pertencço tinha pouco contato e, efetivamente, nesse congresso se deu um aprofundamento. Já tinha havido um congresso anterior, a que eu não compareci porque eu estava com um outro problema na época, em Coimbra, em que já tinha havido algum contato entre algumas pessoas ligadas ao meu grupo etário, de antropólogos, sobretudo. Mas ainda era muito restrito. Eu creio que Lisboa, o congresso de 1994 foi realmente um marco.

M.G. – Gilberto, só para ainda precisarmos melhor essa época, pelo Museu, anteriormente a esse congresso, tinham passado antropólogos, outros cientistas sociais portugueses que teriam porventura feito algumas visitas ao Museu ou, mais esporadicamente, ao...?

G.V. – Não. Cientistas sociais portugueses efetivamente terem ido ao Museu, nesse período, a

única pessoa, fora o Jorge Dias, que esteve...

A.C. – Muito tempo antes.

G.V. – ...nos anos de 1930 e 1940...

A.C. – De 1930 e 1940.

G.V. – A primeira pessoa que causou alguma impressão e que teve alguma presença foi a Cristiana. Muito jovem, muito jovem.

A.C. – Muito jovem agora.

G.V. – Devia ser recém-doutora.

A.C. – Sim, recém-doutora.

G.V. – Ou ainda fazendo o doutorado, talvez. Não sei. Mas era uma pessoa muito charmosa e muito convincente, e conquistou-nos, mostrou uma coisa fundamental: mostrou-nos competência. Então, em Lisboa, depois, nós ficamos cientes, de modo mais sistemático, do que havia de interessante. Não só Portugal era um país interessante, mas Portugal tinha uma ciência social que, saindo do regime fascista, renascia, ou crescia, ou se transformava e passava a ser interlocutora importante da ciência social brasileira e da ciência social internacional. Então, foi mais ou menos esse o panorama. Isso em 1994. Logo depois, houve uma reunião no Rio de

Janeiro, que eu confesso que eu não me lembro exatamente o título da reunião, mas que se passou no IFCS, na UFRJ. E nessa ocasião, então, vieram Rosa Perez, Joaquim Pais de Brito...

K.K. – Foi um Luso-Afro, também, em 1996.

G.V. – Em 1996? É, exatamente, o Luso-Afro, em 1996, e que a base era o IFCS. Foi a ocasião até que a Rosa Perez sofreu um pequeno acidente, contundiu -se. E aí, tem um lugar histórico que eu sempre faço questão de levá-los, onde levei o Joaquim e mais algumas pessoas, que é o conhecido Porcão, que causou grande impacto, grande impacto e emoção. [risos] O Joaquim particularmente ficou muito mobilizado.

A.C. – E fez repercussão depois ainda.

H.B. – Se transformou em devoto, não é? [risos]

G.V. – Então, depois desse contato que eu já tinha tido com o António, depois desse encontro com o Joaquim, com Graça também, e depois, com Dores, com Cristiana, surgiu o convite, em 1996... Por isso que eu estava com essa dúvida. Foi o congresso de 1996 que foi no Rio, e depois, mais para o final do ano – não sei se foi em novembro...

C.C. – Em novembro.

A.C. – É, em outubro ou novembro.

C.C. – Em novembro, exatamente.

G.V. – Eu fui convidado, pela Graça e pelo Joaquim, para participar de um curso que eles estavam dando, que eles dariam, dentro do mestrado deles, o mestrado... Eu não lembro do título desse mestrado.

C.C. – Patrimônio e identidade.

G.V. – Isso.

G.V. – Patrimônio e identidade. Então, eu dei algumas aulas nesse curso – eu participei como professor visitante. E aí, então, foi a ocasião em que conversei com eles...

A.C. – Conversávamos um pouco em debates.

G.V. – É, trocamos ideias, aprofundamos questões e... Engrenou, não é? Quer dizer, começou a engrenar em 1994, e essa reunião do Rio também foi importante, foi estimulante, o contato com algumas pessoas e, finalmente, esse período, que foi um período de dois meses praticamente. Aí, sim, eu conheci melhor Lisboa. Em 1994, eu tinha conhecido um pouco, tinha feito uma pequena viagem, tinha ido a Évora. Mas, em 1996, realmente, foi uma oportunidade de *viver* em Lisboa um pouco menos de dois meses e de estreitar relações e, sobretudo, de conhecer mais os trabalhos. E, sobretudo, me interessou muito... Muitas coisas me interessaram, mas em função da minha trajetória e dos meus interesses, mais históricos e permanentes, [me interessou muito] a parte de estudos de cidade. A parte de estudos de cidade, em que já existiam os trabalhos de António, de Dores, de Graça, ligados ao grande projeto do

fado do Joaquim Pais de Brito, a grande pesquisa do fado, que é uma pesquisa mãe, não é? Ela gera uma série de trabalhos. E tudo ali me interessou, porque eu sempre tive, também, uma vinculação forte com sociologia e antropologia da arte. Então, a parte da criação artística propriamente me interessava, e continua me interessando, e as vinculações com a organização social do meio urbano, com a questão do espaço social, dos territórios, das possíveis pontes que podiam ser feitas com a Escola de Chicago, por exemplo, e com os nossos próprios trabalhos. Devo dizer que fiquei até bastante envaidecido nesse período...

A.C. – Com razão.

G.V. – ...já em 1994, mais em 1996, quando eu vi que algumas pessoas, como o António – mas, outras, como a Graça também –, conheciam bastante bem o meu trabalho, tinham lido vários trabalhos meus, e alguns tinham sido transmitidos por eles aos alunos.

H.B. – Mas, Gilberto, é interessante isso, porque não havia, então, uma conexão Brasil-Portugal, mas já havia um esforço da comunidade portuguesa em conhecer o trabalho aqui?

G.V. – Mas isso é um fenômeno muito interessante – e até, para nós, isso tem um sentido muito curioso. Havia a presença de editoras brasileiras, particularmente da Zahar. Por isso que conheciam os meus livros, inclusive. Havia a presença de livros. Quer dizer, eles conheciam *A Utopia urbana; Desvio e divergência...*

A.C. – Exato. *Individualismo e cultura...*

G.V. – ...*Individualismo e cultura; Projeto e metamorfose*, logo, também. Então, havia isso. Eles de fato tinham lido. Havia um grupo de pessoas em Lisboa, em Portugal que conhecia o

meu trabalho. E isso me envaideceu, de um lado e, por outro lado, me estimulou, me estimulou em pensar em desenvolver trabalhos conjuntos. Foi muito bom, também, o contato com os alunos portugueses, com os estudantes. Gostei da maneira de trabalhar. Esse curso do Joaquim e da Graça era um curso extremamente interessante. Ontem, quando você falava dos jardins, eu me lembrava das meninas Bonzinho, que faziam pesquisa com os jardins de Lisboa, e pesquisa sobre comboio... Pesquisas várias aconteciam no Laboratório. Algumas pesquisas, muito originais, com várias discussões interessantes. O Joaquim é um grande expositor, como vocês sabem; a Graça é uma ótima professora. Então, foram algumas semanas, quase dois meses, muito intensos, muito produtivos – por esse lado de ver que havia interesses comuns e havia, além disso, trabalhos que estavam sendo feitos que eram muito importantes. Eu cheguei rapidamente à conclusão de que especificamente a linha de trabalho sobre bairros é fundamental no desenvolvimento dos estudos urbanos *mundiais*. Não é uma coisa Brasil e Portugal simplesmente, ou mundo latino-americano e ibérico. Não, os trabalhos sobre bairros são trabalhos referenciais. Quer dizer, tanto as teses de António, de Graça, o trabalho de Dores com o António e o trabalho do Joaquim, original, mas uma série de outras pesquisas de estudantes – não com tanto destaque, mas que formavam um conjunto de peso, uma referência rica e estimulante para a antropologia e sociologia urbana, o estudo de cidade. E uma série de discussões associadas aos estudo de cidade, através dessa problemática de bairros, como a questão fundamental das identidades e dos multipertencimentos e dos trânsitos. Fenômenos que podíamos dar nomes diferentes, podíamos não estar usando necessariamente os mesmos nomes, mas estávamos lidando com problemas parecidos. E às vezes já incorporávamos, uns e outros, a bibliografia produzida dos dois lados. Então, essa descoberta, ou esse aprofundamento, a ampliação do conhecimento sobre a área de estudos urbanos em Portugal foi extremamente estimulante. Eu me lembro que, além das pessoas já mais maduras – jovens ainda, porém, já profissionais engajados –, eu fiquei muito impressionado com o trabalho de duas jovens estudantes. Logo que eu desembarquei em Lisboa, acho que no dia seguinte, eu fui a uma sessão de filmes etnográficos no Museu Nacional de Etnologia, dirigido já pelo Joaquim na ocasião. Nesse festival, houve três pessoas premiadas. Duas das pessoas premiadas eram justamente Teresa Fradique e Susana Durão. Isso em 1996. E eu fiquei satisfeítíssimo com o que eu vi. O da Teresa era sobre o Cristo Rei e o da Susana, se não me engano, era alguma coisa ligada a lavadeiras. Não me lembro exatamente o que era, mas era uma coisa... mas a área do trabalho. Mas ambas, não só tinham produzido filmes documentários interessantíssimos

como eu tive oportunidade de conversar com elas, de estabelecer relações também com essa outra geração, que tinha, por sua vez, um grande interesse no Brasil, que já tinha sido explicitado pela geração dos seus professores, como o Joaquim e como vocês, Firmino, Dores, Graça, como vendo, na nova geração dos estudantes, muita vontade de conhecer o Brasil, de vir ao Brasil, de pesquisar, de ter contato com professores e alunos brasileiros. A partir daí, a partir desse ano de 1996, eu fui a Portugal... não tenho a conta, mas umas 15 vezes, mais ou menos isso, para participar de júris, bancas...

A.C. – Participou da minha banca, o que foi uma honra. [*risos*]

G.V. – Fui do júri de António Firmino; fui do júri de mestrado, se não me engano... é, de mestrado da Teresa Fradique; fui do júri da Susana Durão. E reuniões, seminários, encontros, colóquios, de diversas naturezas. Houve um ano que eu fui três vezes a Portugal. E podia haver um período com um intervalo um pouco maior. E fui conhecendo, e conhecendo a ciência social portuguesa através de alguns antropólogos – Joaquim, Graça e Cristiana, sobretudo esses três, por contatos, pelo tipo de relação que eu tinha estabelecido – e através do Cies, do pessoal mais ligado formalmente à sociologia, mas que, efetivamente, o tipo de sociologia que fazem é uma sociologia inteiramente interdisciplinar e que está junto, amalgamada à antropologia, tendo um dos pontos de articulação – não é o único – o interesse pela Escola de Chicago e pelo interacionismo. Então, a questão do interacionismo, creio também que nos aproximou muito, em termos teóricos, sendo que nenhum de nós se define como interacionista, embora muitas vezes sejamos... eu pelo menos seja rotulado: "o interacionista brasileiro". Mas, enfim, o interacionismo certamente foi muito importante para mim e foi uma importante fonte de diálogo entre nós. E à medida que nos conhecíamos mais, íamos sabendo o quanto, para todos nós, ou pelo menos para esse grupo, tinha sido importante o marxismo, o existencialismo, e que o interacionismo – no caso, o que é chamado de interacionismo – era mais alguma coisa que se juntava, nesse ecletismo saudável e enriquecedor que valorizamos. Eu acho que nós valorizamos juntos, compartilhamos um certo espírito de não ser ortodoxo, não ficar preso a ortodoxias, ter uma certa abertura para diferentes correntes, em saber que há lugar, há espaço para diferentes correntes e que essas diferentes correntes, tendências, posições, autores podem

ser usados de diversas maneiras, em diversas combinações. Evidentemente, sem chegar ao exagero de ignorar as especificidades e diferenças, mas valorizar muito a possibilidade de juntar autores que vêm de distintas tradições em torno de projetos básicos que nós desenvolvíamos. Então, eu acho que sobretudo a discussão sobre interacionismo, sobre autores interacionistas, sobre problemas e questões do interacionismo ligados à fenomenologia, a correntes filosóficas em geral, aos clássicos, aos chamados clássicos de ciências sociais – basicamente, ao Simmel, como sendo a possível grande origem e fonte de boa parte do interacionismo; ao próprio Weber; e a uma série de outros autores. No meu caso, muito importante o Alfred Schütz, fenomenólogo austríaco, que também tivemos oportunidade de conversar e usar. Enfim, eu acho que a percepção de que compartilhávamos uma atitude – eu estou valorizando isso –, de uma certa abertura em relação a ciências sociais. E isso nos fazia pouco dogmáticos, ou até antidogmáticos. Então, eu tenho impressão que esse foi um período importante, que tem sido renovado através do contato de pessoas que trabalharam comigo, como o Celso e Karina – em destaque, mas alguns outros, também –, e alunos e pessoas que trabalharam com António, com Dores, com Joaquim e com Graça, porque vários ainda estão vindo, continuam vindo, e chegam novos. Teve um momento em que vi que eu estava supervisionando *três* pesquisadoras portuguesas aqui no Brasil. Então, eu tenho supervisionado o trabalho, seja de doutorandos, seja de pós-doutorandos, aqui no Brasil. Eu sou co-orientador, em alguns casos, como fui da Susana Durão em um determinado momento; da Ximene, também, que é originalmente do Porto, mas que também está na ISCTE, e outras pessoas que vieram, passaram para conhecer, para fazer contatos...

K.K. – Lígia Ferro.

G.V. – Eu ia falar nela agora. Mais recentemente, a Lígia Ferro, que não está desenvolvendo um projeto no Brasil, mas que tinha um interesse muito grande em fazer alguns estudos comparativos no Brasil.

K.K. – E houve, em 1999, o *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Acho que é um marco disso tudo, não é? Podia falar um pouquinho?

G.V. – Pois é, justamente vamos chegar a isso. Um resultado absolutamente concreto, material desse trabalho foi a coletânea *Antropologia urbana* – a Karina já trabalhava comigo nessa ocasião –, uma coletânea trabalhando basicamente com o Rio de Janeiro e Lisboa, reunindo pesquisadores brasileiros e portugueses. O livro tem várias histórias interessantes. Por exemplo, a capa do livro: "Como é que vai ser a capa?" Aí, um dia, eu estou no Leblon e vejo a Padaria Rio Lisboa. Eu falei: "Vai ser isso!" E vejo a cena da ponte e do Cristo, não é? Então, a capa é uma reprodução, mais ou menos, da Rio Lisboa. E além disso, a oportunidade de realmente fazer esse trabalho respeitando a língua portuguesa falada nos dois países. Isso é uma coisa que eu entrei em acordo com a editora, a Cristina Zahar, que concordou que os textos de Portugal não deviam ser revistos para se transformarem em textos brasileiros. Queríamos manter *comboio*, queríamos manter uma série de palavras e categorias. Por isso que temos alguns problemas em relação a essas grandes reformas, não é? Então, temos os textos. E o livro foi, digamos, muito bem recebido, inclusive em termos... Dentro da modéstia das ciências sociais, o livro vendeu bem e vendeu em Portugal. Existe um problema sério – se é para falar sobre relações entre Brasil e Portugal –, que é a circulação, a circulação de livros. É muito complicado. É difícil mesmo você conseguir fazer com que os livros daqui sejam distribuídos lá adequadamente, no tempo certo, a um preço acessível. A mesma coisa em relação aos livros de lá aqui. Não é o caso é do *Antropologia urbana*.

A.C. – O *Antropologia urbana* continua a estar presente.

G.V. – Continua a estar presente. Quer dizer, o livro é de 1999 e já está em terceira para a quarta edição, ou uma coisa assim. E depois do *Antropologia urbana*, em outros livros, em outras coletâneas, temos a colaboração de pesquisadores portugueses, também, dessa escola, desse grupo, dessa tendência. Então, tivemos a vinda, também mais regular, de colegas, que vieram participar ou de reuniões maiores, como a ABA, a Anpocs, ou vieram visitar

instituições específicas, como o Museu, como a USP, como outras, onde permaneceram como professores visitantes ou pesquisadores associados. Então, não é que nós tenhamos inventado a relação Brasil-Portugal em ciências sociais. Não é isso. Mas eu acho que houve uma renovação muito grande, um revigoramento muito grande, uma abertura muito estimulante. E como nós estávamos mencionando também, ontem, rapidamente, a Revolução dos Cravos é em 1974, e o fim do regime autoritário, pelo menos em termos mais formais, no Brasil, é em 1985. Então, em 1994, em 1996, nós estamos ainda vivendo esse processo de construção da democracia, que tem implicações para a produção intelectual e artística em geral e que tem consequências para as ciências sociais. E eu acho que no período autoritário – creio que tanto lá como cá – houve dificuldades no desenvolvimento da ciência social, em alguns momentos, em algumas situações. Não só pela repressão, pela censura, como também, às vezes, pelo outro lado: pela reação um tanto sectária de alguns setores da ciência social mais à esquerda – uns, mais explicitamente marxistas; outros, nem tão explicitamente, os mais ligados a uma oposição –, que contestavam o uso de bibliografias que não fossem as bibliografias que considerassem adequadas. Então, se de um lado, pelo menos no Brasil, houve um impulso no desenvolvimento das ciências sociais, paradoxalmente, graças ao apoio... essa é uma outra longa história, mas, enfim, da Fundação Ford, da Finep etc., havia certamente uma barreira ideológica. Eu acho que isso foi outro ponto de encontro. Quer dizer, tanto nós como eles não queríamos nos enquadrar em uma posição sectária, uma posição fechada, de um lado ou de outro. Já tínhamos sido vítimas, de algum modo, seja em termos de trabalho, seja em termos de vida, mas ambos, de regimes autoritários, de censura e também tínhamos sido vítimas, de algum modo – não sei, isso é até alguma coisa que algum dia a gente precisa conversar mais –, do que nós chamamos de patrulhas ideológicas. Até nesse livro que eu estou lendo agora, *Um trem para Lisboa*, aparece isso. Aparece isso em um personagem particularmente interessante que é discriminado pelo fato de, em algum momento, não manter uma posição que os seus colegas de esquerda acreditavam que devesse ser mantida. Ele não faz isso, tem um comportamento mais heterodoxo e passa a ser vítima de hostilidades. Então, outro ponto de encontro, dentro esse ecletismo saudável, no meu modo de dizer, como eu já falei antes, é essa visão de que estamos todos interessados nas grandes questões públicas, nas grandes questões nacionais, mas nós queremos nos aproximar delas com um olhar mais aberto, mais capaz de lidar com nuances e matices e, creio – falei de interacionismo –, de lidar de um modo mais sistemático, de um

modo... assumir como ciência social a problemática, com todas as aspas que quiserem, indivíduo e sociedade.

K.K. – Gilberto, você mencionou agora, na sua fala, a questão do papel público. E bem recentemente, você tem sido um colaborador importante da Fundação para a Ciência e a Tecnologia de Portugal, e no Brasil, o seu papel institucional tem sido fortíssimo e fundamental. Você podia falar um pouco desse...?

G.V. – É, eu participei de algumas iniciativas e, inclusive, ocupei algumas posições, em que foi possível atuar para sistematizar e para viabilizar algumas atividades e implementar as relações Brasil e Portugal, para que não dependessem só – embora isso seja fundamental sempre – da fortuna de certas relações pessoais e de certas afinidades. Isso é fundamental. Sem isso não se faz, sabemos disso. Mas criar um espaço institucional em que fosse possível desenvolver laços, com certa base financeira – não extraordinária, mas alguma coisa que viabilizasse, que efetivamente permitisse o desenvolvimento de novos projetos, novas pesquisas, ou desdobramentos de outros. Em relação à fundação, eu tive oportunidade – foi bem lembrado pela Karina –, eu tive oportunidade de, umas três vezes, creio, ser convidado para integrar – não sei como aquilo se chama – a comissão de avaliação dos projetos de pesquisa em Portugal.

A.C. – Painel de avaliação.

G.V. – Foram três vezes, e em circunstâncias muito diferentes. Mas isso são outras conversas. As três não foram exatamente no mesmo padrão, não foram do mesmo modo, mas aconteceram. Nessa última, eu tive oportunidade de convidar e levar uma equipe, que tinha que ser só de não-portugueses. Na outras ocasiões, eu participei com portugueses. Houve uma vez que éramos eu, o Pais de Brito e Pina Cabral. Uma outra vez, éramos eu, acho que novamente o Pais de Brito e... Eu não me lembro quem era a terceira. E dessa vez agora, me pediram para

organizar uma comissão que não tivesse *portugueses*. Uma visão, assim, de busca de uma imparcialidade, de uma distância.

H.B. – Mas aí, você já é português.

G.V. – Levei Peter Fry, convidei o Peter Fry; Anthony Seeger; Bela Bianco; *moi mème*... E quem mais? Eu estou assassinando alguém. Tinha uma quinta pessoa. Acho que eu não vou me recordar. Mas, enfim, era um grupo internacional e que... Já trabalhamos em uma época de relativa crise em Portugal. Se de um lado era interessante, porque tinha aumentado muito a demanda, a quantidade de propostas tinha aumentado muito, por outro lado, os recursos tinham quase que proporcionalmente encolhido.

H.B. – Só para te tranquilizar, você não assassinou ninguém.

G.V. – É, acho que não.

K.K. – Eram esses mesmos.

A.C. – Eram só esses. [*riso*]

G.V. – Então, isso também foi importante para conhecer de modo mais amplo a ciência social portuguesa. Quando você está em uma comissão desse tipo... Nós sabemos disso, quem já trabalhou no CA do CNPq ou no CD – porque eu tive essas duas experiências, não é? –, no Comitê Assessor e no Comitê Deliberativo, quem teve essa oportunidade sabe como é importante a possibilidade de você ter uma visão mais ampla das ciências sociais, no caso, de

um país. Então, isso foi muito rico. Quer dizer, eu conheci a parte da produção, conheci alguns trabalhos, conheci algumas linhagens. Não que eu tenha conhecido todas, mas, certamente, a participação nesses três comitês, ou comissões, foi uma ocasião privilegiada de ter uma visão mais abrangente da produção portuguesa.

K.K. – E como você mesmo mencionou, você, no Brasil, tem um papel muito importante na política científica. Você poderia fazer algum tipo de comparação ou algum tipo de reflexão, comparando as políticas científicas dos dois países?

G.V. – É, isso aí valeria uma longa exposição e uma série de palestras. Existe a questão da dimensão. Realmente, é inegável que o número de cientistas sociais brasileiros é imenso, comparando com Portugal. Existe uma produção muito ampla, muito diversificada. E a ciência social brasileira, além de ter essa dimensão maior, na realidade, está mais consolidada há mais tempo. Existe uma consolidação maior. Com todos os percalços do regime militar, mas, enfim, tem uma história bastante longa e com resultados muito importantes, obtidos antes, durante e depois do regime militar. Então, existe uma questão de dimensão. A antropologia brasileira, particularmente, é uma antropologia muito desenvolvida, em qualquer padrão. Sob qualquer padrão, a antropologia brasileira é muito desenvolvida, em termos mundiais, com muitas frentes de atuação. E Portugal está crescendo. Está crescendo, então, você tem alguns núcleos, algumas áreas, mas, na realidade, não... Eu não vou dizer que é uma outra etapa, mas é bem diferente. É bem diferente. E eu acho que o intercâmbio tem sido extremamente estimulante e benéfico. Hoje em dia, há vários cientistas sociais brasileiros fazendo pesquisa em Portugal. Vários cientistas sociais brasileiros estabeleceram relações com Portugal, com vários centros: em antropologia, sociologia, em ciência política. Uma pessoa importante também nisso, que não é antropólogo, mas que tem feito um trabalho importante nessa área, é o Renato Lessa, que tem uma forte ligação com o Manuel Villaverde Cabral. Eles constituíram também um outro eixo, nesse desenvolvimento das ciências sociais, nessa cooperação entre as ciências sociais brasileiras e portuguesas. Há uma série de outros exemplos: o Boaventura de Sousa Santos, de Coimbra, tem uma forte influência em certas áreas, tem uma série de contatos, vem ao Brasil regularmente. Às vezes ele nos explica muito. Talvez demais. Mas o Boaventura é uma figura,

sem dúvida... Em antropologia, além das pessoas que eu já citei, que são muito próximas a mim – Cristiana, Joaquim Pais de Brito, Graça –, outras pessoas que têm vindo, que têm tido uma presença significativa são: o João de Pina Cabral; o Miguel Vale de Almeida; o próprio João Leal; com os seus trabalhos sobre os açorianos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul; a Susana Viegas, fazendo pesquisa na Bahia; e vários outros. Esses são os que eu lembro agora. E dizendo: brasileiros fazendo pesquisa em Portugal. Eu comecei falando disso. Têm pesquisas feitas em Portugal por vários brasileiros. Pesquisas feitas inclusive *sobre brasileiros* em Portugal. Isso é uma área... Uma ex-aluna minha, a Alessandra Siqueira Barreto, por exemplo, desenvolveu pesquisa lá; aquela jovem loura, da Uerj, também fez pesquisa sobre a Igreja Universal...

K.K. – Clara Mafra.

G.V. – ...a Clara Mafra. E outros. Pessoas de São Paulo, também. E também, outro fenômeno a registrar é a presença de estudantes que vão fazer cursos. Não só vão fazer pesquisa, vão fazer cursos. Eu fiquei até surpreso, em uma das últimas conferências que eu dei no ISCTE, quando apareceu um verdadeiro destacamento de estudantes brasileiros de diversas origens regionais, com várias perguntas e com roupas características. É muito interessante. E alunos portugueses que vêm ao Brasil também e fazem cursos aqui.

A.C. – Gilberto, se nós pudermos agora avançar para um aspecto ligeiramente diferente...

K.K. – Eu acho que o Celso quer ainda...

A.C. – Desculpe, Celso.

C.C. – É só um complemento: você mencionou o Congresso Luso-Afro-Brasileiro como uma instância importante de aproximação. Eu só queria talvez ouvi-lo a respeito, vamos dizer, da parte afro do mundo. É luso-afro... Evidentemente, o Brasil e Portugal são dois países e a África é um continente, é um mundo à parte. Qual é a sua visão, ou um contato eventual que você tenha tido.

G.V. – Uma pessoa importante nesse processo, do lado brasileiro, foi o Peter Fry, que tinha feito pesquisa, no início de sua carreira, na antiga Rodésia, no Zimbábue, e que depois, já como representante da Fundação Ford no Brasil, esteve em Moçambique e em outros lugares da África e articulou-se bastante bem com vários setores. Depois que saiu da Fundação Ford, tornou-se professor no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e também é uma pessoa importante. É claro que a África portuguesa é privilegiada. Uma pessoa, por exemplo, que tem feito pesquisas interessantes é o Wilson Trajano, da UnB. Ele andou pela Guiné, se não me engano, por Cabo Verde também, creio. Mas, há outros. Há outros. Sobretudo a África portuguesa, é claro. Existem pesquisas, embora seja luso-afro-brasileiro, em outros lugares, como em Macau, ou em Timor. Quer dizer, o mundo luso, o mundo de língua portuguesa, na realidade, é mais amplo, embora seja luso-afro-brasileiro. Mas a África é sobretudo a África portuguesa, a antiga África portuguesa. Algumas pessoas estabeleceram contatos de pesquisa e alguns estudantes africanos vieram para o Brasil e fazem cursos: no IFCS houve vários; no Museu tivemos alguns casos. Eu próprio orientei um rapaz de Moçambique. E cabo-verdianos, em vários lugares existem também. Então, há um aumento do número de estudantes de origem africana. E os congressos luso-afro-brasileiros, existe, sem dúvida, o problema de saber até que ponto é possível fazer as reuniões na África. É complicado. Então, as reuniões têm sido muito mais em Portugal e no Brasil. Já houve *uma* reunião na África. Foi em Angola. E é difícil, é complicado, existem problemas logísticos, problemas de recursos, problemas de diversas ordens, e é uma ciência social que realmente está em suas etapas mais preliminares. Mas você tem toda razão, o congresso é luso-afro-brasileiro.

A.C. – Eu *gostava* de lhe perguntar agora... Há uma dimensão da sua atividade que só mais tarde descobrimos, fora da atividade de pesquisa e publicação acadêmica, que é a sua presença

como intelectual público, no espaço público do Brasil. É algo que é muito interessante. Temos vindo a acompanhar um pouco a partir de Portugal, mas, evidentemente, de maneira que suponho limitada. Gilberto, não gostaria de nos falar um pouco dessa vertente da sua atuação?

G.V. – Eu, como muitas pessoas da minha geração, nós crescemos de adolescente à jovem numa certa resistência à ditadura. Quer dizer, eu nunca fui militante de partido, mas participei da resistência de diversas maneiras: seja nas passeatas, de que falava ontem a Dores, seja em atividades de crítica, de divulgação, de resistência na universidade, seja como aluno, seja como professor, na luta contra a censura... Logo que houve o movimento, ou o golpe, ou como queiram, em 1964, houve uma grande paralisia. Houve uma fuga, uma dispersão e houve uma grande paralisia. E isso que eu vou contar agora, eu acho que pouquíssimas pessoas sabem: formou-se um pequeno grupo, a partir de uma rede de conhecidos e amigos, já em abril ou maio de 1964, que começou a fazer panfletagens na cidade do Rio de Janeiro, em lugares... contra a ditadura, denunciando. Trabalhava-se com mimeógrafo naquela época. E esse grupo era um grupo que... Hoje em dia eu posso falar os nomes, porque creio que nenhum dos antigos membros dos órgãos de segurança se levantará do túmulo ou da cadeira de rodas para vir atrás de nós. Nunca se sabe. Mas eu, o meu irmão Otávio, o Moacir Palmeira, o Vladimir Palmeira e mais uns dez, ou doze que panfletávamos, que entrávamos nas favelas, que fazíamos discursos para as pessoas da classe trabalhadora. Às vezes... Depois que eu reli alguma coisa do Che Guevara, eu me lembrei de coisas, de experiências pelas quais tínhamos passado, dos olhares que recebíamos. E havia experiências curiosíssimas, como quando nós nos preparávamos para panfletar, em um momento em que ia haver um acontecimento importante no centro da cidade. Nós éramos muito bem organizados, então, íamos com um mês de antecedência para escolher os lugares de onde íamos soltar os panfletos. E chegou o determinado dia que íamos soltar os panfletos, chegamos na janela e tinha se erguido, nesse período, um prédio, que fechava a possibilidade de jogarmos os panfletos. E nessa campanha de denúncia e panfletagem, porque os partidos de esquerda mais tradicionais estavam desarticulados, encontramos alianças surpreendentes: com a minha mãe. [risos] Porque a minha mãe achou aquilo tão interessante que ela ia fazer análise ali na avenida Rio Branco – a minha mãe fazia análise, é uma vanguardista – e ela levava panfletos na bolsa. Na época, existia um prédio, que foi derrubado, o Palácio Monroe, que era a sede da chefia do Estado-Maior das

Forças Armadas. E a minha mãe, mulher de general e filha de marechal, panfletava os automóveis. [risos] E nós só viemos a saber disso depois.

K.K. – E o que estava escrito nesses panfletos, Gilberto?

G.V. – Explicando, como sempre estávamos explicando, como sempre, o que estava acontecendo: que era um golpe militar, que era o imperialismo americano. Enfim, um pouco mais sutileza do que habitualmente. Que era necessário reorganizar, fazer... A nossa posição, na época, predominava uma posição de resistência democrática, de mobilização da sociedade civil, de procurar encontrar, entre os militares, pessoas que não estivessem participando desse projeto mais reacionário. Mas depois... Isso durou uns seis meses. Depois fomos nos dividindo: alguns foram para a luta armada, outros ficaram numa posição mais reformista, que era o meu caso. Você tinha os revolucionários, de várias matizes, e tinha os reformistas. Mas desde cedo, desde os 20 e poucos anos, eu comecei a publicar, na imprensa, artigos.

K.K. – Vamos fazer uma pequena pausa para respirar e trocar a fita...

G.V. – Tudo bem.

[FINAL DO ARQUIVO GILBERTO_VELHO_01]

A.C. – Gilberto, recomeçamos com... Estava a nos contar da sua participação na imprensa logo desde cedo e era muito interessante, agora, ouvi-lo explicar um pouco isso.

G.V. – É, na realidade, é importante lembrar que eu me tornei professor de universidade em 1969. Eu entrei para a UFRJ como professor em 1º de março de 1969. Portanto, eu tinha 23 para 24 anos. E eu publiquei, no início dos anos 70, dois livros: *Utopia urbana*, que era a dissertação de mestrado, e uma coletânea, que já era produto da minha volta dos Estados

Unidos – isso é um outro capítulo –, *Desvio e divergência*. Os temas da *Utopia urbana* e do *Desvio e divergência*, portanto... Mesmo antes de os livros serem publicados, eu já fui convocado – porque essas coisas, no Brasil, no Rio... Eu pertencço... Eu já pertenci a uma pequena rede, densa, que as pessoas têm ideia, já ouviram falar, há repercussões sobre as suas atividades. Então, eu comecei a falar na imprensa sobre temas como o Rio de Janeiro, que é o tema que até hoje é central para mim. É claro que o caso de Copacabana é um caso constantemente requisitado, tanto na imprensa escrita como na televisão. Outro dia, eu vi um pedaço de uma entrevista minha na televisão em 1970 e poucos e eu não reconheci aquele senhor de barba negra e cabelo absolutamente abundante, forte, muito forte. Então, aí se junta à minha atividade docente. O fato de eu ser professor da UFRJ, primeiro no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e logo depois no Museu Nacional, no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, fez com que eu fosse me tornando uma pessoa mais conhecida. Com a publicação do *Utopia urbana* e do *Desvio e divergência*, mais. E eu tive a ousadia de começar a falar sobre a questão das drogas – já naquela época, defendendo a descriminalização das drogas. Também, esse foi um outro tema que aparecia. E a problemática geral do desvio, das acusações de desvio, do comportamento desviante. E algumas áreas foram muito sensíveis a essa posição e a essa contribuição que eu estava tentando dar. Uma das áreas mais sensíveis foi da área *psi*. Então eu fui muito convidado, com frequência, para participar de congressos, de seminários, de reuniões, de dar aulas, de dar palestras para instituições ou grupos ligados à psicanálise e à psiquiatria, e essas coisas também tinham repercussão. Nessa época, a psicanálise estava muito em voga. Então, já nesse período, eu falava muito na defesa do pluralismo cultural, da liberdade, valorizando muito o *On Liberty* do Stuart Mill Um pouco nessa linha. E, obviamente, eu estava criticando a ditadura, o regime militar, o regime autoritário. Isso foi num crescendo, e no processo de abertura e à medida que eu ia escrevendo mais, eu ia me tornando mais conhecido, Até que, já com 30 anos, quando eu me tornei doutor e defendi a tese na USP, *Nobres e anjos*, sob a orientação de Ruth Cardoso, aí então eu já era uma personalidade mais ou menos pública e conhecida. E escrevia... Dava entrevistas e escrevia artigos. Às vezes, ficava muito contente; às vezes, nem tanto. Tive experiências boas e outras nem tanto.

K.K. – Tem algum texto que você tenha publicado que marcou especialmente pela repercussão, ou por...?

G.V. – É, aí já é um pouco... Talvez, o que tenha tido maior repercussão foi um pouco depois, é o sobre o Collor. É um artigo que eu publiquei uma versão no *Jornal do Brasil* e uma versão mais acadêmica na revista do Cebrap, sobre o Collor. Na época do Collor, eu escrevi muito, muito. E essa produção, boa parte dela acabou sendo publicada em uma coletânea mais recente

– deve ter dez anos essa coletânea, ou oito anos –, *Mudança, crise e violência*, que tem assuntos variados. Tem uns oito anos, eu acho, isso.

M.G. – Foi em 2002.

G.V. – Em 2002? Sete anos. Então, aí dá uma ideia... Quer dizer, essa atuação de professor, de docente e de personalidade pública que se manifestava... Alunos, ex-alunos, pessoas que me conheciam, me telefonavam, me convidavam, me entrevistavam. Mesas-redondas cobertas pela imprensa. Então... Algumas entrevistas mais bem-sucedidas. Então foi isso. Quer dizer, a minha participação política passa, estrategicamente e fundamentalmente, por isso, por escrever para a imprensa, por dar entrevistas, por achar que faz parte do meu papel de intelectual dar esse retorno à sociedade, na medida do possível, tentando utilizar uma linguagem clara e procurando me comunicar de maneira a mais direta possível, paralelamente às minhas atividades propriamente acadêmicas e universitárias.

A.C. – E essa intervenção tem se mantido mesmo depois do governo Collor...

G.V. – Ah, sim.

A.C. – ...em fases subsequentes, em outras conjunturas políticas posteriores, Gilberto tem mantido também essa...?

G.V. – Têm fases, não é? Existem muitas fases nesse tipo de colaboração. Houve um período, em *O Globo*, que eu era um convidado permanente de dois jornalistas muito ilustres que me conheciam. Então, eu era mais solicitado. Esses jornalistas hoje em dia são pessoas meio decanas, já não lidam com isso. Isso é uma das razões porque eu participo menos. E também

porque eu acho que estou mais cuidadoso em relação a certas coisas, a certas interpretações. Mas eu continuo, e acho que isso é uma das marcas da minha atuação. Quer dizer, eu nunca fui membro de partido, mas a minha militância política, a minha participação pública passa, fundamentalmente, pela minha atividade universitária, pela minha atividade acadêmica e pelas minhas manifestações através da mídia.

K.K. – Tem um veículo de preferência – só para terminar esse tema –, rádio, televisão, jornal, revista?

G.V. – O jornal tem uma repercussão...

K.K. – Internet?

G.V. – ...interessante, importante, mas a televisão, eu tenho tido muita sorte, ou são equipes muito competentes. Nunca tenho lidado com... Eu vou fazer propaganda aqui agora da Globo News. Eu fui entrevistado por pessoas da Globo News, a Míriam Leitão, o Edney Silvestre, aquela belíssima moça, que tem um programa sobre arte que eu não me lembro agora o nome dela...

K.K. – Bianca Ramoneda.

G.V. – Exatamente. Eu tive sorte, ou eles têm uma equipe boa realmente. E na imprensa propriamente escrita, a imprensa mais tradicional, eu também tive boas experiências, com algumas entrevistas importantes, como com o Elio Gaspari, com o Luiz Paulo Horta, com a...

K.K. – Luciana Villas-Boas.

G.V. – ...a Luciana Villas-Boas, muito bem lembrado. E mesmo ex-alunos. A Isabel Travancas fez uma belíssima entrevista comigo uma vez. E uma série de outras situações que eu poderia citar.

M.G. – Gilberto, vamos introduzir um outro tema, uma outra faceta da sua biografia de cientista social, já que foi afluída, que é a sua relação com os alunos e o seu papel de orientador, que é um papel que assume um caráter de recorde, com quase uma centena de orientações, de teses, de dissertações de mestrado e doutoramento. Ao longo desses mais de 30 anos em que tem tido esse papel de orientador, como é que avalia a evolução dos temas, o perfil dos alunos? Qual pode ser a sua avaliação acerca desses tópicos?

G.V. – Olhe só, aí sou obrigado a me estender mais: como eu vejo o trabalho do intelectual. De um lado, eu vejo o trabalho do intelectual procurando se comunicar com um público mais amplo, com um caráter, digamos assim, mais democratizante, de divulgar questões e apontar problemas e fazer denúncias e contribuir para o debate público. E a outra coisa – e isso faz parte da minha formação desde cedo – é a ideia de que é fundamental formar pessoas. Formar. Quer dizer, o intelectual que não está só num mergulho solipsista, numa aventura isolada, mas que se vê como parte de um todo, como herdeiro. Eu me vejo como herdeiro – isso é um outro capítulo –, herdeiro de várias linhagens. Eu sugeri algumas coisas importantes há pouco tempo atrás. Eu sou um herdeiro de várias linhagens e acho que um dos meus papéis é contribuir para a formação de novas gerações de intelectuais. Não só de antropólogos, mas de intelectuais. E estou fazendo uma distinção entre intelectuais de diferentes tipos, de diferentes estilos, mas que têm um compromisso, todos, com um certo tipo de reflexão e que podem estar envolvidos em políticas públicas – uns mais e outros menos –, mas que têm uma relação forte com a ideia de pesquisa básica. E nesse sentido, eu acho que a antropologia, de que eu sou professor, é a continuação das leituras que eu fiz de Montaigne, de Erasmo, de Cícero. Aí é como eu me coloco, modestamente, não no nível deles, mas como herdeiro deles. E o instrumento e a área que eu utilizo é a universidade, o sistema universitário, e as áreas basicamente privilegiadas dentro da universidade são a antropologia e as ciências sociais. Mas eu me vejo como parte dessa corrente. Modesta, porém, parte de uma corrente. Então, eu tenho muito prazer em orientar. Em geral. Evidentemente que eu não tive sempre o mesmo prazer em orientar as pessoas. Uma coisa é orientar a Karina e Celso, que estão aqui presentes, eu posso falar folgadoamente. Mas nem todos me deram tanto prazer, é claro. Mas tive muitos orientandos muito bons. E a graça da orientação... E eu acho que aí tem a ver com um certo tipo de tradição intelectual que talvez remonte, na história do pensamento ocidental, ao pensamento socrático, que é o exercício de uma espécie de maiêutica. Então, a busca nas pessoas, o que elas têm para

trazer, para revelar, para contribuir; o que elas podem descobrir em si mesmas que vão ter um resultado mais objetivo. E aí, tínhamos que voltar a Simmel, para estabelecer relações entre cultura subjetiva e cultura objetiva, a ideia de *Bildung*, a ideia de aperfeiçoamento das pessoas através do seu trabalho, dos seus projetos e, ao mesmo tempo, a contribuição que essas pessoas têm a dar à sociedade, em termos de informações, de ideias, de reflexões. Então, eu orientei pessoas muito diferentes. Dizem que eu orientei muito mais mulheres do que homens. Deve ser verdade. Mas eu orientei um número importante de cavalheiros, muito significativo, também. Mas o fato é que eu tive oportunidade não só de ter pessoas que se interessaram pelo que eu fazia e vieram seguir, de certa maneira, uma trilha que eu estava percorrendo, mas sobretudo, o que é mais importante é você perceber que você pode ajudar uma pessoa a criar a sua própria trilha, a traçar o seu caminho. Para isso, você tem que ter uma certa empatia, e nem sempre é possível – nem sempre é possível –, e uma grande curiosidade. Eu acho que isso ainda é uma das poucas qualidades que eu acho que eu tenho, uma curiosidade. Espero que isso não se transforme em curiosidade excessiva, ser um lado meio *voyeur* do intelectual, do antropólogo. Mas uma grande curiosidade. E quando aparece uma pessoa diante de mim com um tema, com um assunto, com uma pergunta que me estimulam, então, isso, para mim, é uma das coisas que mais me realiza. E não estou mentindo nem querendo ser modesto quando digo que me realizo tanto com o trabalho de orientação e com os trabalhos resultantes dessa orientação como com os meus próprios trabalhos diretos. Eu acho que, na realidade, eles se juntam. E os trabalhos dos alunos – uns mais, outros menos –, a independência desses trabalhos, a capacidade desses trabalhos gerarem, por sua vez, novos desdobramentos é a melhor maneira de você avaliar as vantagens e os méritos possíveis do esforço que você fez.

M.G. – E essas perguntas e essas interrogações que os alunos trazem ou que o Gilberto ajuda a construir como pergunta de pesquisa têm variado ao longo dessas décadas? Que balanço pode fazer desse aspecto, dessa evolução do perfil do aluno, do interesse que o aluno transporta?

G.V. – Ótima pergunta. Têm alguns temas. Quer dizer, quando eu publiquei o *Desvio e divergência*, houve uma série de trabalhos ligados à problemática do desvio: o trabalho da Carmen Dora Guimarães, o trabalho da Rosine Perelberg... O trabalho da Rosine, da Carmen Dora, do Carlos Nelson Ferreira dos Santos... Houve uma série de trabalhos. O Luis Fernando Duarte, por causa do seu trabalho sobre a doença de nervos. E trabalhando já com a questão

das minorias. Quer dizer, através da problemática do desvio, abria o espaço para diferentes tipos de minorias, diferentes tipos de estigmatização. Então, uma outra área importante que apareceu foi a questão geracional. Quer dizer, tem a questão da doença mental, de outras áreas de transgressão, de desvio, e a questão geracional foi aparecendo: família e geração. Família e geração foi uma área estratégica importante e que gerou trabalhos como os da Myriam Lins Barros e da Tânia Salem e da Tânia Dauster e Cecília Costa... E outros. Não quero ficar falando muitos nomes, porque eu vou deixar de...

M.G. – São 95, Gilberto. [risos]

G.V. – ...eu vou deixar de falar. É, não posso fazer isso. Então, certos temas: a área urbana, a problemática urbana, de diversos modos; o tema dos movimentos sociais teve uma determinada época que foi muito significativo, com alguns trabalhos bem interessantes; o tema das minorias, muito grande sempre o interesse, a curiosidade e a vontade de desenvolver trabalhos; a questão das carreiras, das ocupações, os diferentes tipos de carreira, incluindo-se aí a carreira de político, a carreira de militar, carreiras as mais variadas, carreiras e ocupações; o tema da juventude é um tema que certamente vem crescendo, o tema das juventudes, de várias maneiras. Tem uma parte ligada também à arte que aparece com alguma regularidade, os diferentes tipos de manifestação artística, estudos de uma escola de arte, estudos de museu, o estudo de uma carreira de artista. Tem alguns trabalhos interessantes, importantes que estudam carreiras propriamente de artistas, sejam músicos ou escritores. Teve o trabalho da Julia sobre o João do Rio, que liga a questão da literatura com a questão da cidade; teve o trabalho de uma moça chamada Letícia sobre um músico brasileiro famoso, meio ligado já à problemática da favela e da marginalidade, o Bezerra da Silva. Enfim, são muitos trabalhos. Um trabalho que foi bastante importante em termos de repercussão, falando em repercussão, foi o trabalho de Hermano Vianna, que descobriu o *funk*. É uma história que eu já contei várias vezes. Ele era meu aluno, queria ser meu orientando, entrou na minha sala, ou encontrou comigo no pátio, começou a falar do *funk* e me disse que tinha um milhão de pessoas, todo fim de semana, dançando *funk*. Isso em 1970 e... em 1980 e poucos. Aí, em algum lugar no meu currículo tem a data da defesa do mestrado do Hermano. Esse, por exemplo, foi inteiramente original. Para mim, uma surpresa. Diga-se de passagem que eu não sou uma pessoa com particular ligação com música popular. Não é o meu forte. E no entanto, eu me vi orientando, trabalhando com

peessoas ligadas a *funk* e coisas das mais variadas. Outro dia, eu participei de uma banca na Unirio sobre o "proibidão". É uma coisa notável, músicas, assim, picantes – eu não posso nem dizer na frente das pessoas.

K.K. – A Elizabeth Travassos é uma pessoa chave nesse...

G.V. – Exatamente. A Karina adivinha o que eu vou falar. Está certo. É isso mesmo, Karina. A Elizabeth Travassos é etnomusicóloga de formação e trabalhou com grupos indígenas e depois trabalhou no doutorado comigo e fez um trabalho importante sobre Mário de Andrade e Béla Bartók, sobre pesquisa de cultura popular e música. Um trabalho que eu não posso deixar de citar, que é um trabalho que não teve tanta repercussão pública, porque é um trabalho talvez mais denso academicamente, mas que é muito importante – e inclusive lido em Portugal –, que é o trabalho do Luís Rodolfo Vilhena sobre o movimento folclórico: *Projeto e missão*, ou *Missão e projeto*. Eu sempre fico com essa dúvida.

C.C. – *Projeto e missão*.

G.V. – *Projeto e missão*, que é um trabalho muito rico, muito importante. Também é um estudo da inteligência, um estudo da cultura popular, estudos do movimento intelectual, do movimento artístico, estudos ligados de alguma maneira à modernidade brasileira. Enfim, alguns temas reaparecem. Agora mesmo eu estou orientando uma moça que está trabalhando com pacientes psiquiátricos. E foi muito interessante, porque eu disse para ela: "Você deveria ler a primeira dissertação de mestrado que eu orientei, em mil novecentos e..."

K.K. – Em 1976.

G.V. – "...da Rosine Perelberg". E ela adorou o trabalho. Ele nunca foi publicado, porque a Rosine Perelberg mudou-se para a Inglaterra, foi trabalhar com a Elizabeth Bott e virou psicanalista. Mas o trabalho da Rosine feito em 1976, em 2008 e 2009 é, de certa maneira, em algum nível, é retomado. Evidentemente, com originalidade, com novidades, com outra bibliografia. Mas é um trabalho importante. Então, é interessante você também ver esses movimentos. E pensando nos dias de hoje, ainda a questão do indivíduo, o indivíduo e

sociedade, é interessante como hoje em dia estão surgindo teses sobre indivíduos – sobre indivíduos, através das carreiras. Mas não é só a carreira no sentido mais convencional, mas se aventurando em um terreno, assim, de discutir mesmo características existenciais. Discutir não só carreira, mas existências, que eu acho que é uma coisa que a gente faz. Não é só uma sociologia ou uma antropologia das carreiras; é uma antropologia, uma sociologia...

M.G. – De indivíduos.

G.V. – Não sei se é o melhor termo. Existencial, que envolve a discussão sobre projetos, sobre memória. Então, eu tenho um aluno agora que está fazendo um trabalho sobre Tom Jobim. Eu acho um desafio. Teve uma senhora que fez um trabalho recentemente sobre – eu não sei se vocês conhecem de ouvir falar, ou talvez de ouvir até a música – sobre a dona Ivone Lara, que é uma sambista veneranda. Quer dizer, em cima da trajetória dela. Mas a trajetória, preocupada em perceber, na análise da trajetória, a complexidade da pessoa, procurando relacionar – eu acho que esse é um ponto que nós nos preocupamos sempre –, relacionar a complexidade da sociedade com a complexidade das pessoas que vivem nessa sociedade. A ideia dos múltiplos papéis. Mas mais do que os papéis: são os trânsitos, são as transformações – o que eu chamei de metamorfose, também, não é? Porque a metamorfose não é só uma sequência a longo prazo. Porque a metamorfose pode ser instantânea, com reversão. São essas mudanças radicais, a passagem de um domínio para o outro. Então, essa recuperação das biografias. Eu considero a biografia... Eu estou talvez me desviando um pouco.

K.K. – Não, não.

G.V. – Eu considero a biografia um gênero absolutamente poderoso e rico para as ciências sociais, e particularmente para a antropologia. A biografia que o Lytton Strachey fez da rainha Vitória é um dos livros mais importantes para você entender a sociedade da época. E é um trabalho que lida com a densidade e riqueza existencial da personagem. Há uma série de outros trabalhos que eu poderia enumerar, outras biografias importantes, desde aquelas biografias antigas que tinha na casa do meu pai, a do André Maurois, que é interessante, importante, e outras biografias também. Eu considero, por exemplo, em termos de história do Brasil, a série – não sei se vocês tiveram oportunidade de ter contato – do Octavio Tarquínio de Sousa, sobre

os fundadores do Império [*História dos fundadores do Império do Brasil*], que tem, por exemplo, o próprio Dom Pedro I, Feijó, Bernardo Pereira de Vasconcelos, José Bonifácio... Tem pelo menos esses. São biografias esplêndidas, riquíssimas, em que você percebe a pessoa.

M.G. – E a sociedade em que ela vive, também.

G.V. – Que é alguma coisa oposta. Quando eu comecei a fazer pós-graduação em antropologia, isso era... Não era. Não era antropologia. Não era. Não se fazia isso. Você podia ter, às vezes, no máximo, alguns informantes, em que se falava um pouco mais sobre a história de vida deles, mas era um meio. Quando, nesse caso, também é um fim. Também é um fim.

K.K. – Isso... Desculpe interromper, mas isso sempre ficou também presente nos seus livros, no *Utopia urbana*, no *Desvio e divergência*, o aparecimento dos personagens de uma forma a levar em conta a complexidade deles, sem reduzi-los a...

G.V. – Eu acho que sim. E isso aparece, também – vamos rasgar seda –, no seu trabalho sobre a vereadora e no trabalho do Celso sobre Benjamin Constant, por exemplo. Há outros, mas é evidente que, vocês dois estão aqui, eu me lembro imediatamente. O Benjamin Constant e a nossa querida vereadora aparecem de uma maneira rica, de uma maneira densa, com as suas contradições, com suas dificuldades, com o seu sofrimento até, quando é o caso. Então... Então é isso. Não sei se respondi satisfatoriamente a sua questão.

M.G. – Perfeitamente, obrigada.

C.C. – Gilberto, ainda na esteira da pergunta que a Dores te fez sobre as orientações, a gente até tinha aqui um roteiro, mas eu gostaria de introduzir uma outra questão que é sobre... mas que eu acho pertinente, e espero que os colegas também achem, sobre a trajetória dos orientandos, que tem a ver com as trajetórias possíveis de profissionalização – no caso particular, em antropologia, mas talvez, um pouco mais em geral, nas ciências sociais. Quer dizer, o caminho, comparando ao longo desses 30 e poucos anos, 33 anos, desde a primeira defesa. Quer dizer, como que você vê a profissionalização dos seus orientandos antes, ou não

– eventualmente, pessoas que tinham um interesse mais diletante ou ocasional –, mas em geral, comparado com hoje, o jovem que termina o doutorado ou o mestrado em antropologia.

G.V. – Eu acho que o grande objeto do desejo continua sendo a universidade, na área que eu atuo. É a universidade. As nossas “escolas de matadores de dragões” do Antônio Firmino. [risos] Eu adoro “escolas de matadores de dragões” aliás. Eu me permito isso. [riso]

A.C. – É claro.

G.V. – Mas a universidade é o grande objeto do desejo. Era e continua sendo. Mas se de um lado as universidades se expandiram e se multiplicaram, por outro lado, aumentou muito o número de doutores. E eu, por exemplo, não sou a favor disso. Não sou a favor. Acho que são métodos quantitativos; maximizadas; a formação das pessoas, na média, tornou-se menos sofisticada do que era. Há uma produção em massa, há uma pressão sobre os alunos e sobre as instituições para produzir doutores, para serem apresentados depois em propagandas dos mais variados governos: “Temos tantos *milhares* de doutores”. E eu hoje tenho... É uma coisa que eu não tinha, e essa era a diferença. Quase todos os meus orientandos, até uns dez anos atrás, conseguiam se empregar como professores em universidades mais ou menos respeitadas: ou federais, ou estaduais públicas, ou PUCs. Nos últimos dez anos, talvez até um pouco mais, isso está ficando mais difícil. Então, hoje em dia, eu tenho ex-orientandos, doutores que fizeram boas teses, com dificuldade de inserção *neste* mundo. Mas já acontece coisa semelhante ao que você descrevia ontem, de se abrirem outros nichos, ou serem forçados outros nichos – como, por exemplo, um doutor em antropologia estar dando aula de sociologia em uma escola técnica superior federal. Mas não é em um curso de antropologia ou de ciências sociais, nem sequer de história. Mas é um emprego federal. E têm alguns casos. Eu tenho, em 80 e tantos – quer dizer, eu não acompanho todos, não sei de detalhes da vida de cada um –, eu tenho uns três ou quatro que estão precariamente empregados, precariamente empregados, que estão ainda tentando encontrar um lugar ao sol. Isso há 20 anos atrás, 30 anos atrás... Podia demorar algum tempo, um pouquinho mais, mas as pessoas de um modo geral conseguiam ou se tornar professores nas universidades ou pesquisadores, em alguns casos. Pesquisadores em instituições como o Cpdoc. Hoje em dia, sem dúvida, há uma mudança. E eu acho que isso também... Os desdobramentos e os fenômenos que estão associados a isso levam, necessariamente, à

discussão sobre que formação é essa? Qual é a formação que estamos dando? O que desejamos. E aí eu sou hermann-hesseano: *O jogo das contas de vidro*. Porque era preciso ter o jogo das contas de vidro. Quer dizer, de alguma maneira, é preciso manter essas tradições de que eu falava, essas linhagens que eu valorizo. Quer dizer, é preciso tentar, de algum modo, manter isso aceso. Agora, a pressão para a massificação é de tal ordem... Hoje eu perguntava para uma aluna de uma instituição pública federal que terminou a graduação com concentração em antropologia e ela me dizia que, depois de quatro anos, ela jamais leu o Victor Turner. Nem um capítulo de nenhum livro. Nem um capítulo! Não é um livro. Nem um capítulo. Então, isso é diferente. Quando eu fiz pós-graduação – e não só eu, durante várias gerações, e vocês pegaram ainda isso –, o que se lia, em quantidade e em diversidade, era muito nítido. Você fazia Teoria Antropológica I, II... Alguns alunos, mais do que outros, se interessavam em ampliar o seu campo de conhecimento; outros se especializavam mais em certas áreas, mas era necessário ter contato, ter noção. Você passar por um curso de antropologia sem ler alguma coisa do Evans-Pritchard, alguma coisa do Malinowski, alguma coisa do Victor Turner, ou do Gluckman, ou do Mauss, não sei... Infelizmente, acontece isso. E na própria pós-graduação. E na própria pós-graduação. Porque a pressão... A culpa não é do aluno. E é, em parte, da instituição. Só em parte. Porque a pressão para produzir uma tese de dissertação em dois anos é de tal forma que a pessoa mal chega e já está inteiramente direcionada para uma bibliografia específica, e depois de seis meses, já está sendo obrigada, porque a Capes assim o deseja, a apresentar um *paper* em um congresso. É uma coisa espantosa! Agora, *no meu tempo*, a gente não permitia, nem cogitava que as pessoas apresentassem *paper* sobre suas dissertações antes que terminassem as dissertações. Aí, depois que terminava a dissertação, sim. Aí, faz seu artigo, apresenta a sua...

Agora não! Agora, menino ou menina, meninos e meninas muito jovens mesmo, mal estão chegando, mal estão despertando para o mundo e já têm, diante de si, um auditório de 500 pessoas para apresentar um *paper* sobre um esboço de um projeto. Pode dar o azar de cair um comentarista cruel... E acontece. Eu conheço vários casos, um comentarista sádico que não simpatiza com a cara da menina, ou não gosta do orientador, e vai, aproveita e faz um pequeno massacre. Então, eu acho que essa massificação... Eu, nesse ponto, se isso é elitismo, eu sou elitista, porque eu sou contra essa massificação empobrecedora. Empobrecedora.

C.C. – Você mencionou que isso é uma diferença... poderia interpretar assim: existe uma certa tradição clássica e mais ou menos canônica, não no sentido muito ortodoxo, mas que deveria ter se mantido e que, de alguma forma, tem corrido o risco de se perder ou se especializar, por essas pressões. É mais ou menos esse caminho?

G.V. – Sim.

C.C. – Dentro desse cânone que você estudou ou viveu, se você tivesse que destacar uma obra da antropologia que te foi mais importante, impactante, ou que, enfim, merecesse um destaque...?

G.V. – Uma obra, Celso?

C.C. – É.

G.V. – Uma obra não dá, Celso. Eu posso citar duas ou três: *Os Nuer*, do Evans-Pritchard;

Political systems of Highland Burma, do Leach; *Street Corner Society*, do William Foote Whyte; e o *Outsiders*, do Becker.

H.B. – Quatro.

G.V. – Esses quatro. Eu consegui... Nós conseguimos publicar, em português, duas, pela Zahar: o *Political systems* foi publicado no Brasil e *Os Nuer* também foi publicado no Brasil. Isso eu considero uma grande vitória da nossa comunidade de antropólogos e cientistas sociais. Certamente, Celso, se você me desse oportunidade, eu teria mais uns quatro ou cinco: o Malinowski etc., etc. Mas eu tenho mais prazer em ler o Evans-Pritchard – aí é uma questão de prazer estético e literário, também –, de ler o Evans-Pritchard, seja *Os Nuer*, seja *Os Azande*, do que todo *Os argonautas*. Embora eu adore *Os argonautas*. Eu acho que é uma leitura... Se não dá para ler todo, tem que ler boa parte do livro. Então, essas... Agora, além disso, tem a *Iliada*, não é? [risos]

C.C. – E em termos de personagens? Você mencionou a questão de que você se via como herdeiro de várias tradições. Mas, na sua formação, também, se você tivesse que destacar alguma... um personagem mais marcante... Pode ser tanto no terreno de formador quanto algum colega ou, enfim...

G.V. – Posso falar no Montaigne? Ou você quer alguma coisa mais próxima? [risos] Olha só...

K.K. – Não...

G.V. – Não, eu falo. Eu falo. Uma pessoa que foi muito importante, como interlocutora e como amiga, foi a Ruth Cardoso.

C.C. – Que foi a sua orientadora.

G.V. – Que foi a minha orientadora no doutorado. Mas que foi uma pessoa com quem eu tive uma relação muito igualitária. Ela era uma orientadora... Eu tive sorte com os orientadores. Ou eu consegui, de alguma maneira, encaminhar a minha vida para orientadores elegantes.

K.K. – Você sabe que hoje é o aniversário do seu orientador de mestrado?

G.V. – Do Shelton Davis?

K.K. – É.

G.V. – Como é que você sabe isso? A Karina sabe tudo!

K.K. – Descobrimos isso.

G.V. – Meu Deus do céu!

K.K. – A equipe, a nossa *equipa*, muito...

G.V. – Que coisa notável! Quantos anos está fazendo o Shelton? Agora eu quero saber os detalhes.

K.K. – Agora eu não me recordo.

G.V. – Deve fazer 65, ou uma coisa assim.

K.K. – Mas, depois de falar da Ruth, podíamos falar um pouquinho dele.

G.V. – Mas a Ruth, basicamente foi assim. Quer dizer, eu fiz o mestrado no Museu, com a orientação do Shelton Davis, depois [*inaudível*], e ia ter doutorado no Museu. O Roberto Cardoso era a grande liderança, o coordenador, e queríamos partir para o doutorado. Mas, enquanto isso, achamos que seria interessante eu passar um ano nos Estados Unidos, já obtendo créditos para esse doutorado e conhecendo, tendo contato com determinadas áreas de reflexão e de pesquisa. Então eu fui para a Universidade do Texas, em Austin, que era onde, provavelmente... certamente, na época, tinha a maior concentração de estudos de antropologia urbana e de antropologia das cidades complexas. Eu tinha sido aluno já, aqui no Rio, do Anthony Leeds e do Richard Adams. E lá, descobri pessoas que foram mais interessantes ainda, como o Ira Buchler, que foi a pessoa que me introduziu a obra do Howard Becker. Eu já conhecia o Goffman, mas aprendi mais sobre o Goffman, bem mais, e conheci a obra do Howard Becker. Isso é uma outra história, longa e interessante. Então, eu tive essa experiência de passar um ano nos Estados Unidos. E voltei com o intuito de fazer o doutorado no Museu. Mas, por crises políticas do Museu, o Roberto Cardoso saiu do Museu e acabou o doutorado. Então, o Roberto... não nos abandonou e me apresentou à Ruth Cardoso, que era, simplesmente, casada com o irmão da mulher dele. Como vocês sabem...

H.B. – Pode falar o nome.

G.V. – Fernando Henrique Cardoso. Conhecem, não é? Pois é, o Fernando Henrique é casado com a Ruth e a irmã do Fernando Henrique, Gilda, é casada com o Roberto Cardoso de Oliveira. É uma história das relações pessoais e parentescos familiares. E fui apresentado à Ruth e

conheci também Eunice Durham, na ocasião, e olhei um pouco para as duas e falei: "É essa". [risos] Embora eu goste muito da Eunice. E a Ruth foi, a vida toda, uma relação esplêndida. Eu já tinha oito cursos no Museu e seis no Texas: quatorze. Não tive que fazer curso em São Paulo. Ela me inscreveu num curso, mas a minha participação no curso foi ir, uma ou duas vezes, para dar palestra no curso. Depois, fiz minha qualificação e defendi a minha tese, na USP. E a partir daí, mantivemos a relação: organizamos juntos grupos de trabalho na Anpocs, na ABA. Tivemos vários empreendimentos juntos. E foi, até morrer, uma referência fundamental, direta, com quem eu falava de vez em quando – não tanto quanto gostaria –, mas com quem eu mantive um relacionamento. Então, é uma figura, sob todos os aspectos, fundamental para mim. E para muita gente, não é? Mas eu fui o primeiro orientando de doutorado dela, segundo dizem. Eu não tenho certeza, mas parece que foi. Então...

H.B. – E a Ruth combinou muito bem esse dilema e essa demanda de um intelectual com uma intervenção pública.

G.V. – Políticas públicas.

H.B. – Com muito equilíbrio, com muita...

G.V. – Sem dúvida. E a Ruth era, sobretudo – voltando à nossa conversa anterior –, a expressão rica desse ecletismo saudável. Porque ela tinha tido uma formação em marxismo – ela fez parte do famoso grupo de estudos de *O Capital*, com o Gianotti, com o Fernando Henrique, Ianni e outros, o Renato... O Renato não. Aquele menino... Então, ela tinha essa formação. E tinha contato com o Antônio Cândido, com o Florestan... Mas ela, por exemplo, foi uma grande estudiosa do estruturalismo. Ela foi uma das cientistas sociais brasileiras, uma das primeiras que se dedicou a estudar o estruturalismo. E ela assistiu a cursos do Lévi-Strauss em Paris etc. E teve um enorme interesse no que eu trouxe para ela. Ela conhecia alguma coisa da Escola de Chicago, porque tinha uma passagem importante da Escola de Chicago por São Paulo, e ela, então, se identificou muito com isso. Inclusive colocou na minha banca o Juarez Brandão Lopes, que foi um dos poucos cientistas sociais brasileiros que tinha estudado em Chicago. Então ela tinha essa abertura, esse ecletismo saudável, e não tinha preconceitos. É isso que eu tento – muitas vezes, com grande dificuldade – transmitir para os meus alunos: não ter

preconceitos intelectuais. Preconceitos em geral é bom não termos. Especificamente intelectuais. Eu não estou livre deles, tenho os meus – alguns, bem fortes –, mas é uma tentativa. É um projeto.

H.B. – É uma atitude de...

G.V. – É uma tentativa de ter uma atitude não preconceituosa. Às vezes, você se defronta com estilos tão agressivos que fica meio difícil você não... na defensiva, cair na defensiva. É preciso tomar cuidado para, ao cair na defensiva, não praticar os mesmos erros dessas pessoas que têm um estilo mais excludente, mais dogmático.

H.B. – Mais certeza, não é? Eu queria voltar para o primeiro ponto que você levantou, que eu acho que é importante e fundamental para você e acho que é uma boa maneira de a gente fechar, que é essa ligação do seu pai com a biblioteca e com a sua escolha por ciências sociais. Eu gostaria muito de ouvir...

G.V. – O meu pai era um intelectual, dentro dessa conceituação que eu estou tentando valorizar. Era uma pessoa preocupada em conhecer e, de alguma maneira, valorizava muito a produção de conhecimento. Ele era um militar de algum destaque, foi paraquedista, foi um dos pioneiros do paraquedismo militar, ele foi professor na Academia Militar dos Estados Unidos, em *West Point*, a mais prestigiosa, a mais importante, em um convênio entre o Exército brasileiro e o Exército norte-americano. Eu acho que até hoje existe, não sei. Mas ele foi professor durante quase três anos, com tamanho sucesso que os americanos queriam que ele continuasse. Mas para continuar, ele tinha que deixar o Exército brasileiro, coisa que ele não quis, evidentemente. Então, ele é professor de português e do que nós chamaríamos de cultura brasileira. E a biblioteca dele é absolutamente impressionante porque ele tem as primeiras e segundas edições, por exemplo, do Gilberto Freyre. As primeiras e segundas edições. Coisas que nós – quando eu digo *nós*, eu estou incluindo o meu irmão nisso –, durante algum tempo, não nos aproximávamos muito, não, porque nós éramos sobretudo marxistas. E tinha as imagens negativas a respeito do Gilberto Freyre. Mas ele tinha uma biblioteca vastíssima de personalidade e cultura, ligado à psicanálise que ele era. Erich Fromm, ele traduziu quase toda a obra do Erich Fromm. O Erich Fromm é uma pessoa importante na escola de personalidade

e cultura. Nem todo mundo sabe disso. Ele era amigo, interlocutor da Margaret Mead, da Ruth Benedict, dessa gente toda. Ele traduziu outras. Ele traduziu mais de cem livros, grande parte na área de *psi*, mas algumas coisas chaves em ciências sociais. O primeiro livro publicado na Zahar era um manual de sociologia americana de Rumney e Maier. Foi o meu pai que traduziu. Da Civilização Brasileira, *As malhas do governo* do MacIver, um livro gigantesco. Quando eu olhava aquilo... Ele traduzia. Ele valorizava muito o conhecimento, estimulava muito. E tinha tido, no passado, uma militância política. Ele foi, em uma época em que a opção de quem militava era ou ser ligado ao Partido Comunista, ou ser ligado aos integralistas, ele foi ligado aos integralistas, assim como tantas outras pessoas ilustres que conhecemos. Depois se afastou. Foi a favor do movimento militar, participou do movimento, ocupou um cargo logo no início do regime militar, mas rapidamente – e segundo ele, deveu-se isso muito a nós, aos filhos – ele percebeu como o regime militar, longe de ser o que ele imaginava, que seria importante para redemocratizar o país, estava caminhando para o contrário, para virar uma ditadura. Então, ele abandonou, saiu, renunciou ao cargo que ocupou, que ocupou por pouco tempo, e afastou-se. E tinha um lado, falando em complexidade... E simultaneamente ao fato de ser militar, ligado a um grupo mais ou menos conservador, ele era amigo e colega de pessoas de esquerda, tanto militares como civis. Ele participava de uma roda, de uma rede social que incluía o Jorge Zahar, o Ênio Silveira, o Paulo Francis – pessoas que talvez vocês não saibam; depois a gente pode explicar –, que eram referências, eram amigos, eram colegas. Então ele era uma personalidade complexa. Entre outras coisas, ele impediu que o filme *Deus e o diabo na terra do Sol*, do Glauber Rocha, fosse queimado. Porque a ideia era queimar o filme. Ele era diretor da Agência Nacional e impediu. Então, tinha esse gosto pelo conhecimento, que se traduz no fato de que os dois filhos foram fazer ciências sociais. O meu irmão estava destinado à engenharia, mas na última hora trocou o vestibular e fez vestibular...

H.B. – E você associa a essa experiência com ele?

G.V. – Ao meu pai? Ah, sem dúvida. Aquela biblioteca, com as observações que ele fazia e a gente constantemente se atritando com ele... Mas esse atrito...

H.B. – O gosto do debate.

G.V. – É uma coisa clássica em relação a pai e filho. É uma coisa clássica. Não é muito original. Mas foi o suficiente... Ele viveu o suficiente para ter uma relação com os filhos em que ele percebeu que os filhos reconheciam o que ele tinha feito e eram gratos. Isso é um privilégio

– para ele, mas sobretudo, para nós. Então, foi muito importante. E tem o outro lado, o lado da minha família materna, que eu falei pouco... Porque, é claro, a figura do meu pai é tão central... Mas o meu avô materno, que também era militar, ele era uma pessoa que valorizava muito os estudos. Na origem, ele tinha sido positivista. Ele tinha sido positivista e era um estudioso, uma pessoa muito ligada à língua portuguesa, era um apaixonado pela língua portuguesa, e tinha uma formação em matemática, e também era uma pessoa importante como referência. Mas sobretudo o meu pai. O meu avô era uma figura muito bondosa, muito doce, a gente não se atritava com ele. Mas a presença do meu pai foi, sem dúvida, mais profunda.

H.B. – Está bom.

K.K. – Gilberto, eu acho que a gente vai encerrar essa etapa, até para não cansar muito, e agradecer imensamente. Eu acho que a sua disposição em falar sobre tantos temas interessantes... E continuar em um próximo... em breve.

G.V. – O prazer será meu.

K.K. – Obrigada.

H.B. – Obrigada.

G.V. – Obrigado a vocês.

[FIM DO DEPOIMENTO]